

Working Paper No. 78, 2024

“Apresento o meu amigo! O que ele merece?”

Lábia, estéticas afrodiaspóricas, jogo e
convivialidade entre negros de São Paulo

Allan da Rosa



Mecila:
Working
Paper
Series

The Mecila Working Paper Series is produced by:

The Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America (Mecila), Rua Morgado de Mateus, 615, São Paulo – SP, CEP 04015-051, Brazil.

Executive Editors: Sérgio Costa, Lateinamerika-Institut, Freie Universität Berlin, Germany
Joaquim Toledo Jr., Mecila, São Paulo, Brazil

Editing/Production: Léa Tosold, Joaquim Toledo Jr., Adriane Piscitelli, Paul Talcott,
Émerson L. Neves

This working paper series is produced as part of the activities of the Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America (Mecila) funded by the German Federal Ministry of Education and Research (BMBF).

All working papers are available free of charge on the Centre website: <http://mecila.net>

Printing of library and archival copies courtesy of the Ibero-Amerikanisches Institut, Stiftung Preußischer Kulturbesitz, Berlin, Germany.

Citation: Rosa, Allan da (2024): “Apresento o meu amigo! O que ele merece?: Lábias, estéticas afrodiaspóricas, jogo e convivialidade entre negros de São Paulo”, *Mecila Working Paper Series*, No. 78, São Paulo: The Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America.

<http://dx.doi.org/10.46877/rosa.2024.78>

Copyright for this edition:

© Allan da Rosa

This work is provided under a Creative Commons 4.0 Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License (CC BY-NC-ND 4.0). The text of the license can be read at <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode>.

The Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America cannot be held responsible for errors or any consequences arising from the use of information contained in this Working Paper; the views and opinions expressed are solely those of the author or authors and do not necessarily reflect those of the Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America, its research projects or sponsors.

Inclusion of a paper in the *Mecila Working Paper Series* does not constitute publication and should not limit publication (with permission of the copyright holder or holders) in any other venue.

Cover photo: © Nicolas Wasser

“Apresento o meu amigo! O que ele merece?”: Lábias, estéticas afrodiaspóricas, jogo e convivialidade entre negros de São Paulo

Allan da Rosa

Resumo

O texto fundamenta-se em artes verbais escritas, faladas ou cantadas, *lábias* marcadas por seu caráter polissêmico e por vernizes irônicos, satíricos ou adivinhatórios entre homens pretos da chamada “Afrodiáspora”. Trata da convivialidade desses sujeitos entre si e seus territórios, em relação com a branquitude nacional e com comunidades negras que abrangem ancestrais, lugares, objetos dotados de força e entidades naturais. Aprecia-se como suas linguagens e imaginários emaranham-se, refutam ou deslizam entre discursos históricos de formações nacionais escravistas. A apreciação estilística fornece entendimentos sobre sensibilidades e compreensão de mundo, perspectivas de liberdade e pedagogias entre homens negros que, através dos desafios verbais, do humor, da paródia, do dito *nonsense* e do escárnio lidam há séculos com noções de negritude e forças da branquitude. O texto conecta estética e política, ancestralidade e artes, corpo e pensamento, urbanidade e relações raciais e de gênero. A pesquisa é interdisciplinar e abrange estudos em arte-educação, literatura, história, antropologia, psicologia, geografia e ciências da saúde.

Palavras-chave: estética | lábia | jogo | humor | negritudes | masculinidade

Sobre o autor

Allan da Rosa (Mecila Junior Fellow, 2023) é angoleiro e historiador. Mestre e doutor em cultura e educação pela Universidade de São Paulo, com ênfase em imaginário e estética. Escritor de ficção, teatro, poesia, ensaios e teoria da cultura. Atuante em movimentos negros e arte-educador popular desde 1998. É autor dos livros *Balanço afiado: Estética e política em Jorge Ben* (com Deivison Faustino [Nkosi], Fósforo; Perspectiva, 2023), *Ninhos e revides: Estéticas e fundamentos, lábias e jogo de corpo* (Nós, 2022), *Águas de homens pretos: Imaginário, cisma e cotidiano ancestral em São Paulo — séculos 19 ao 21* (Veneta, 2022), *Zumbi assombra quem?* (Nós, 2017), *Reza de mãe* (Nós, 2016) e *Pedagoginga, autonomia e mocambagem* (Pólen, 2019), entre outros títulos.

Conteúdo

1. Um toque de entrada	1
2. Malícia, risco, graça e irmandade: as formas, princípios e lugares do “Apresento meu amigo”	2
3. Sobre branquitude, princípios do viver em jogo e a circunlocução	14
4. Sobre estilísticas do enigma, da incompletude e do humor (no horror)	19
5. Conclusão	28
6. Bibliografia	29

1. Um toque de entrada

Agradeço sinceramente pelas impressões e pelos apontamentos que este texto recebeu. Como de costume, o artigo passa por um parecer, o chamado *peer review*. Conferi com atenção as sugestões e, considerando o que foi apresentado, respondi ao corpo editorial que o texto deveria seguir como estava na sua primeira versão, para que não se trincasse, desconfigurasse ou perdesse a sua força se enquadrando a elementos definidos como “mais sólidos” ou “ajustados às passagens acadêmicas”, conforme próprios termos do parecer.

A estrutura, a forma e as possibilidades de reflexão minuciosa, com uma escrita que não se pauta ou não se orienta apenas por tradições contestáveis do academicismo (colonial), comumente trazem essas questões tanto para mim quanto para outras pessoas que tem a palavra como horta, flecha e laboratório de minúcias. O texto, a inteligência de sua teia, é em sua matéria uma luta ancestral e também contemporânea que se espraia pelos campos das compreensões de mundo e de linguagem. Ressalte-se o que já se realiza em várias universidades do planeta, em especial as mais sensíveis às matrizes de saber e epistemologias historicamente depreciadas ou mesmo qualificadas, quando muito, como “poéticas” ou “ensaísticas” (ainda em termos do citado parecer), mas não consideradas ou entendidas por seu vigor, fundamentos e movimentos ancestrais. Entre as várias universidades pelas quais passei como convidado para oficinas, recordo sempre da Unitierra, em Chiapas, no México, que preza os ciclos na biblioteca e no trato dos porcos, a etimologia, a matéria do verbo e os teares, os princípios do linguajar e a roça. Ali, em um encontro de línguas de tantos cantos, o que se preza é o que encontra a reflexão e suas funduras, o redondo, não o que se cerceia e resseca no quadrado. O que se busca é a contemplação da umidade e da pulsação, não algo que se congele apenas para se enquadrar em ABNTs.

Pele negra, máscaras brancas, de Frantz Fanon (2020 [1952]), talvez o livro mais importante dos últimos cem anos para as ciências humanas no mundo, foi rejeitado pela academia por sua linguagem, quando entregue como trabalho final de curso na Sorbonne. Por sua forma e método, *Marxismo negro: A criação da tradição radical negra*, de Cedric J. Robinson (2023 [1983]), a princípio não teve o aval dos seus pares das bancas na década de 1970, até que o autor acenasse pela solução de um fórum judicial para que fosse analisado, debatido e avaliado sob a chancela universitária. A obra do professor Bunseki Fu-Kiau (2024 [1980]), enfim começando a ser traduzida por aqui, da mesma forma passou por crivos semelhantes. Esses, entre outros tantos casos, são lidas de mentes e canetas negras que nos encantam, rasgam, orientam, inspiram, instigam e pautam leituras, escritas, aulas, oficinas, encontros, debates e partilhas em centros culturais, bibliotecas comunitárias, universidades e rodas de movimentos sociais. São textos hoje de importância incontestável, mas enfrentaram

barragens por sua linguagem, métodos e miras. Michel-Rolph Trouillot (2024 [1995]) foi sagaz, fundamentado e límpido na demonstração de como filósofos da França iluminista não tinham condições para compreender bases, linguagens e horizontes da Revolução Haitiana. Questão de repertório, de sensibilidade de mundo...

Creio, por exemplo, que o método da listagem (ou apresentação seriada), referente à sequência de características da branquitude, como é apresentada no texto, destaca a questão justamente pela versatilidade possível dentro do estilo tantas vezes definido como “ensaístico” ou “poético” (e não como teórico) por pareceres acadêmicos. Assim, em vez de diluí-lo no conjunto, detalha e destaca elementos dessa parte cabal ao texto. Aliás, também é um modo que até dialoga com uma forma cumulativa própria das oralidades, traçando imagens, pormenores e casas no tabuleiro do saber, fertilizando entendimentos. Sinto que isso inclusive é pertinente em relação à apresentação bibliográfica, à justificativa e ao trato argumentativo com os conteúdos selecionados das entrevistas. Assim, com real gratidão pela atenção e pelo trabalho da leitura e da edição acadêmica, de minha parte foi finalizado o trabalho textual. Assim ratifiquei e entreguei para os editores, que podem escolher usá-lo como lhes aprouver, se assim considerarem frutífero. A quem ler, agradeço pela atenção e por imaginar entrelinhas, por desenhar e colorir o texto com suas próprias charadas, pelo aprendizado conjunto nessa intimidade rara que é a leitura.

2. Malícia, risco, graça e irmandade: as formas, princípios e lugares do “Apresento meu amigo”

Como se fincam pilares, estabelecem-se espelhos e traçam-se caminhos para jovens pretos na fronteira entre autonomia e precariedade, entre soberania e dependência, entre zelo e violência? Como se modelaram valores de dignidade e solidariedade entre carinho, estorvos e fetiches na estética dos improvisos? Como as relações entre raça, gênero e nacionalidade se entremearam pelas vertentes poéticas do humor e da malícia? Como podem se mesclar e de deslindar misoginia e grandeza comunitária, machismo e espírito de provisão, homofobia e empatia nos textos da saliva de homens pretos? Considerando essas perguntas iniciais, projetou-se realizar uma apreciação estilística e aprofundar as percepções sobre como se delineia o protagonismo coletivo negro entre os desafios de criar, orientar e fortalecer territórios das diásporas transnacionais em países como o Brasil e suas relações com o imaginário negro dos Estados Unidos, de mais países sul-americanos e dos espaços insulares do Caribe.

O ponto de partida foi o jogo de artes verbais conhecido como “Apresento meu amigo”, prática comum entre jovens negros na cidade de São Paulo até pelo menos a década de 1990. Nessa manifestação de cerne satírico se gera na lábia a malícia, a

violência, a solidariedade, a imaginação, a destreza e trocam-se conhecimentos sobre inúmeros temas-chave da vida metropolitana, sobretudo a que se borda nas periferias e nos territórios negros da cidade. O humor é o pilar desse jogo tão perigoso quanto fortalecedor para a psique dos seus envolvidos, em geral homens negros habitantes de uma cidade que desde seus primórdios, e principalmente após o seu crescimento vertiginoso no fim do século XIX, em virtude da economia cafeeira, tornou-se a maior capital econômica do Brasil nomeando-se como “locomotiva da nação” e empreendendo de vários modos o que se compreende historicamente como projeto de branqueamento nacional, casado a ideologias eugenistas em nome “da ordem e do progresso” que estampa a bandeira do Brasil ou do “*non ducor, duco*”, que em latim estampa a bandeira do município de São Paulo, frisando que “não sou conduzido, conduzo” e remetendo-se aos bandeirantes que dominaram a terra e arrasaram suas populações nativas, originárias e quilombolas. A dita modernidade trouxe uma intensa discussão sobre nacionalidade e com ela o mote do branqueamento, guiado entre os conflitos dos antigos senhores latifundiários com as novas elites de matiz urbano ou industrial. No entanto, tais setores uniram-se nas táticas de domínio, exploração econômica, controle policial e disseminação de representações raciais pejorativas da população negra.

O Brasil foi o país que mais recebeu gente africana dos navios que atravessaram o cemitério Atlântico. Negra é metade da população do país e é a maior população nacional de negros fora do continente africano. As atenções à cultura da afro-brasilidade em geral centram-se em práticas religiosas, ao showbiz e às efervescências espetaculares carnavalescas. Porém, no cotidiano pulsam movimentos negros, e São Paulo, a maior cidade brasileira, tem a maior população negra em termos absolutos no país distribuída hoje sobretudo em suas periferias precárias. Apesar de tudo somos a prova viva de que o plano eugenista de branqueamento por aniquilamento e encarceramento não deu plenamente certo.

O centro financeiro do país, com sua pujança cultural, desde seus tempos escravistas e por todo o século XX com suas bandeiras e seus projetos de modernidade legou para as bordas sangradas (e para o encarceramento estrondoso das últimas décadas) os corpos negros que desenvolveram inúmeras formas de resistência comunitária e também pelejaram por outros projetos modernos, envolvendo desde imprensa autônoma até várias associações econômicas, culturais e educativas independentes. Se é vero que as direções oficiais racistas se consolidaram em São Paulo, cabe ressaltar que, de maneiras diversas adequadas aos seus projetos, condições e discursos de nação, mas com muitas semelhanças entre si, ocorreram, ainda, por toda a extensão do Brasil, das Américas e do Caribe em que o escravismo foi um modo de produção econômico e psíquico, compondo mentalidades que tomaram pessoas brancas, pretas,

indígenas, pardas e mestiças, como na ampla miríade de categorizações sociorraciais brasileiras. Assim, as comunidades negras elaboraram linguagens de defesa, formas de anúncio e propiciaram estilos singulares de convivialidade, como nas rodas em que floresceu o jogo de artes verbais “Apresento meu amigo”.

A seguir, detalho como colhi dados e memórias sobre essa manifestação estética realizando entrevistas, apontando os lugares em que elas aconteceram e as características dos entrevistados. Depois, há a reflexão acerca dos elementos estilísticos do jogo, suas linhas e senhas de convivialidade, suas linguagens que enovelam linhagens ancestrais de matrizes africanas e afro-brasileiras, seus elementos fundamentais de compreensão de mundos e suas relações forçadas com o racismo de sequelas escravistas. Assim podemos depurar e lapidar entendimentos a respeito da autonomia e da flexibilidade cultural de populações negras e sobre as vigas da branquitude, que por vezes é o próprio tabuleiro onde as peças e as posições do jogo se dão.

Entrevistas sobre o “Apresento meu amigo” foram feitas em lugares significativos, históricos e simbólicos da presença negra na cidade. Diálogos quanto ao tema da pesquisa ocorreram nos seguintes lugares:

Poeira Pura (roda de samba mensal na Vila Maria, Zona Norte)

Pagode na Disciplina (roda de samba e festa de rua mensal no Jardim Miriam, Zona Sul)

Ilê Axé Xangô (casa de candomblé ketu em São Bernardo do Campo, Grande São Paulo)

Discopédia (baile black semanal no Anhangabaú, Centro)

Aparelha Luzia (centro cultural nos Campos Elísios, Centro)

CDC Araújo (campo de futebol de várzea na Cohab José Bonifácio, Zona Leste)

Sarau da Brasa (roda de poesia na Brasilândia, Zona Norte)

Samba do Cruzz (roda de samba semanal na Casa Verde, Zona Norte)

Casa de Cultura do Butantã (centro cultural no Butantã, Zona Oeste)

Senzalinha (casa de capoeira angola no Taboão da Serra, Grande São Paulo)

Os jogos de charada e de pergunta e resposta foram lembrados, descritos, emulados ou novamente praticados em entrevistas com dezoito homens negros com mais de 47 anos, moradores das cinco regiões da cidade, áreas onde tais pessoas habitaram na infância e na adolescência e que, em quase todos os casos, frequentam e ainda

moram. A princípio, totalizando 24 conversas e registros sobre o tema com homens negros, outras seis prosas foram feitas com indivíduos de mesma condição racial, social e etária, mas estes disseram não se recordar do jogo. Tal recorte foi pautado na possibilidade de se colher dados com quem viveu a adolescência nas periferias da metrópole paulista nas décadas de 1980 e 1990, um período marcado por ampla violência e pobreza nessas regiões da cidade, fortemente constituídas por alta densidade populacional e grande percentual de população negra. Nos casos dos bairros citados do centro da cidade, trata-se de regiões de marcante presença negra histórica e contemporânea, como a Bela Vista, ou de mercado de trabalho informal e precariedade notória, como o Brás, além de apresentarem alta densidade populacional há décadas.

A escolha dessa estirpe de entrevistados oferece uma via para a compreensão sobre como poderia ter sido apresentada, traduzida, decifrada, ressignificada ou enfrentada em jogos verbais a violência e uma virilidade propalada nas mídias, nas obras de arte, nos registros policiais, nas práticas culturais e nos estudos acadêmicos referentes à precariedade material e à ausência de equipamentos públicos básicos relacionadas à habitação, à saúde, ao transporte e aos baixos níveis de escolaridade e altos índices de desemprego e letalidade que tomaram em cheio a juventude negra e periférica daquelas décadas. Outro aspecto de interesse dos diálogos foram as sensibilidades entrecruzadas sobre agressividade e ternura, hostilidade e solidariedade, animosidade e conforto.

Por ordem cronológica, os homens com quem conversei entre maio e agosto de 2023 e seus bairros de origem são:

Rinaldo, 50 anos, Guaianazes, Zona Leste

Wilson, 48 anos, Jardim Boa Vista, Zona Oeste

Valter, 60 anos, Perus, Zona Norte

Aristomar, 53 anos, Jardim Miriam, Zona Sul

Natalício, 49 anos, Jardim João XXIII, Zona Oeste

Jardel, 52 anos, Jardim Jaqueline, Zona Oeste

João Cláudio, 51 anos, Americanópolis, Zona Sul

Ataliba, 58 anos, Bela Vista, Centro

Rômulo, 48 anos, Campo Limpo, Zona Sul

Baltazar, 56 anos, Capão Redondo, Zona Sul

Leomar, 49 anos, Cohab II, Itaquera, Zona Leste

Lídio, 50 anos, Parque Edu Chaves, Zona Norte

João Pedro, 61 anos, Brasilândia, Zona Norte

Douglas, 55 anos, São Mateus, Zona Leste

Paulo, 48 anos, Brás, Centro

Celso, 57 anos, Vila Santa Catarina, Zona Sul

Domingos, 53 anos, Sapopemba, Zona Leste

Flávio, 49 anos, Paraisópolis, Zona Sul

As conversas não seguiam um questionário fixo e não eram combinadas previamente. Os encontros ocorreram sem agenda marcada com os entrevistados. Dada a habitual presença de população negra nos espaços já citados, surpresa seria se não ocorressem tais encontros e condições para tais prosas. Entrevistados formaram um leque de algumas pessoas já conhecidas por mim há tempos ou, em sua maioria, me apresentadas no momento. Os diálogos sobre o tema de pesquisa fluíram quando já havia espontaneidade o suficiente para isso até que viesse a pergunta se a pessoa conhecia o jogo “Apresento meu amigo”. Em caso positivo, desenvolviam-se tópicos memoriais sobre a forma, os contextos, os praticantes e os sentidos do jogo em suas vidas, notadamente em sua adolescência e juventude.

Metade dos entrevistados lembrava pouco dos detalhes formais do “Apresento meu amigo” e de outro jogo verbal conexo, o gererê (diversão em parceria que às vezes apenas introduzia o primeiro jogo e que, em outras ocasiões, acontecia avulso e sem o caráter de porfia). Poucos diziam recordar dos versos exatos que teriam ocorrido na prática dos desafios rimados. Mas, conforme elementos do jogo eram apresentados e a memória era estimulada pelos textos orais e suas musicalidades e imagéticas, afloravam na entrevista alguns modos e motes do “Apresento meu amigo”, concatenados pelos versos, contextos territoriais e características físicas, afetivas, ideológicas e psicológicas de pessoas que figuravam como praticantes do jogo. Se alguns entrevistados até se disseram habituais ou exímios jogadores enquanto adolescentes ou jovens, mas não recordavam dos termos exatos de embates que protagonizaram ou assistiram, por sua vez, os mesmos ou outros entrevistados ensaiaram algumas rimas e jogaram comigo quando apresentei a quadra básica do desafio: “Apresento meu amigo/ Qual é o nome dele?/ De onde ele veio?/ E o que que ele merece?”, este que é o verso final que chama o arremate contundente, satírico, amigável ou enigmático, quase sempre uma zombaria que deve rimar com qualquer

uma das palavras que responderam as primeiras perguntas, geralmente feitas por um terceiro além da dupla que se desafia.

O jogo de pergunta e resposta “Apresento meu amigo” foi tão presente na vida de jovens periféricos entre, pelo menos, as décadas de 1980 e 1990, que anos depois intitulou música gravada pelo rapper Thaíde em seu álbum *Assim Caminha a Humanidade* (2000). Nesse rap se frisam inúmeras falhas de proceder cometidas por um personagem que é alertado pelo cantor e cobrado pela indignidade de seu comportamento, tais como uso exacerbado de drogas, desrespeito pelas relações afetivas alheias e furtos no bairro. Assim, a resposta para a pergunta-chave do jogo, “O que que ele merece?”, vem contundente ao afirmar: “pagar pela mancada”, sentença pronunciada em tom tão lúgubre quanto pitoresco, em vocal agudo entoado pelo rapper MC Sombra.

O gererê citado acima é um jogo hoje bem pouco conhecido. Aqui, a própria sonoridade que intitula o jogo já nos remete à língua quimbundo (a língua africana que mais aportou e influenciou os falares do Brasil) pelo termo “Njila”, que significa “caminho” e é uma cultuada entidade ancestral do mesmo naipe do notório Exu, entidade de matriz ketu/nagô que rege as trocas, os caminhos, os jogos, as linguagens e é um *trickster*, um ser pregador de artimanhas que perambula por todos os círculos e temporalidades atuando de formas muitas vezes inusitadas, movimentando-se entre mensagens, conflitos e buscas sempre como força e princípio da comunicação. O termo “gererê” também nos remete a *kanjira*, palavra da língua quicongo (a segunda que mais aportou no Brasil vinda da África) que pode significar reunião, celebração expressiva ou encontro de sábios. “Gira”, com seu significado básico de circulação e movimento, pode ser a própria festa e culto, a ativação do encontro dos mundos, aberta nas frestas e nas encruzilhadas do cosmos. No gererê prevalecem as adivinhas e o jogo incorporou o mote “LSD” após suas palavras-chave iniciais, metaforizando também o acesso às drogas sintéticas, a alteração dos níveis de consciência e a clandestinidade. As sentenças do gererê costumavam tematizar com pleno tom satírico os mundos da morte, da embriaguez, da pobreza, do trabalho e do sexo ao exercer a circunlocução, antiga marca estética da poesia e prosa africanas, e também priorizando entre risos e pesares a cisma sobre o que fosse ampliação das sensibilidades ou embaralhamento e perda da lucidez (o chamado “ficar bem loko”). Desafiando saídas e melindrando o parceiro-adversário, no cotidiano dos becos e das esquinas com picardia versavam-se fantasias, vexames, medos e intimidades. Porém, a prática do gererê foi recordada apenas por sete dos 24 entrevistados.

No “Apresento meu amigo”, um jogo de predomínio juvenil, havia ainda um entrelace geracional, uma possível mescla de diferentes faixas etárias, o que é habitual em formas culturais negras em que muitas vezes, contando com as hierarquias internas

por tempo de experiência em uma casa, pessoas anciãs podem comandar a roda em convivialidade e orientação com as mais novas ou vice-versa. É possível também ressaltar nas entrevistas colhidas o que pareceria um código de valores urbanos adequados à civilidade paulistana "oficial", algo que abrange postura, linguagens e determinado uso aceitável da racionalidade, em conflito com um código maloqueiro dos jogadores. Essas percepções podem se extrair do seguinte depoimento:

Era uma diversão que parecia "coisa de doido" até para alguns amigos, pelas ideias que apareciam e pelo jeito nosso, o que para a vizinhança era vista como algo pesado, sem educação, de marginal. Lembro que alguns mais velhos fitavam e saíam de banda, escalando como coisa de moleque mal-educado. Mas outros chegavam perto pra ouvir, pra jogar ou só pra dar risada. Esses eram os tiozinhos maloqueiros (Rinaldo).

O humor pode se reafirmar no trato com horrores e violências, rodeando temas delicados enquanto arquiteta compreensão e, de forma contraditória, mira no cerne de um problema. A sátira abre brechas para sublimar questões truculentas, apaziguar hostilidades e, no caso aqui tratado, formar entendimentos sobre racismo e discriminações sociais. A paródia pode ser uma forma de lidar com fontes de agruras mentais e repressões físicas voltadas historicamente a homens pretos:

Já tomei enquadros policiais durante a própria brincadeira. A gente no alto do escadão. Era tenso, mas infelizmente muito comum. Teve uma que ninguém foi levado no camburão nem apanhou e depois voltamos do mesmo ponto, com a mesma parceria jogando e colocando na rima os detalhes de cada "gambé" (policial) e de como a viatura chegava, sacaneando que o camarada era da família desgraçada do soldado ou que tinha sido zoado antes na delegacia. Tudo isso inventando nome e lugar pro adversário nas rimas (Natalício).

Nas artes desse naipe, agônicas e cômicas, é fundamental transformar a raiva e a adversidade em serenidade e provação, preferencialmente gozosa. Seja nos jogos de lábia ou em outro procedimento que, por ser simbólico, agrega ideia e concretude, abstração e materialidade, a linguagem maliciosa propicia uma oportunidade de lapidação de si, na aplicada resistência psíquica que valoriza a paciência e a sagacidade:

Foi importante pra mim, ali aprendi a ouvir, mastigando a raiva e sendo humilhado na palavra sem revidar na pancada, mesmo fervendo no ódio. Tentando tirar graça de tomar aqueles murros de boca. Tinha que rir, primeiro disfarçando, depois nesse jeito uma forma de concentrar de novo, não aparentar que tava tremendo de raiva. Até que a gente entendia que era engraçado mesmo. Mas era duro quando era com a gente e um mano pegava pra tirar o pelo em cima

de você. Tinha que ficar, não podia sair no meio enquanto tivesse na pior senão nunca mais você tinha paz (Baltazar).

A humilhação então poderia ser uma escola de convivialidade tão dolorosa quanto honrosa. E, como um jogo é algo que propicia dimensão espacial, temporal e códigos próprios em suas regras, a inventividade e a habilidade de concentração dentro dessas regras seriam os frutíferos e variados movimentos estilizados de resposta ao desprezo ou à chacota. Podemos postular, dessa forma, a teia desses elementos integrados como metáforas das comunidades negras no Brasil, pois jogos como o “Apresento meu amigo” perante obstáculos tremendos abrem frestas e lastros para a formulação de si. Condições hostis e suas esferas propiciam ainda o surgimento de faces a princípio improváveis em jogos e improvisos fundamentados. Vide a fala a seguir:

Tinha um rapazinho, o apelido era Crânio e morava na Cinco de Outubro, preto fortinho e folgado. A primeira vez que vi brincar, ele chegou na nossa rua no meio da roda e já era noite. A gente esperava que ele fosse arrebentar na deselegância, mas ele surpreendeu. Ele versava na maciota, sorria fino. A gente começou a chamar ele na rua dele pra jogar e ele versava sobre orixás, sobre fundamentos de macumba, sobre histórias antigas dos times de futebol de várzea do Jardim Miriam e de Diadema. A gente aprendia com ele e desafiava ele porque sabia que ele não ia humilhar no “Apresento meu amigo”. Mas fora da roda ele era o cão. Brigava em qualquer lugar. Apavorava os outros jogando bola, empinando pipa e até na porta de salão de baile, lugar onde aliás ele nunca entrava, acho que porque não tinha roupa e talvez ficasse revoltado ali querendo zoar um pra compensar (João Cláudio).

Os usos da linguagem verbal e corporal, cifrada ou desbragada incluindo silêncios, pantomimas, meneios e sonoridades não estritamente vocais, podem garantir por seu estilo uma singularidade dentro do próprio grupo. No caso das comunidades negras na história do Brasil e de fundamentos cosmológicos africanos milenares, as confrarias ou irmandades secretas foram e são importantíssimas para que alguém reconfigure a si como pessoa, seja pelo princípio da iniciação ou pelas funções sociais internas e externas das irmandades que cultivam segredos, orçamentos, ofícios e consórcios, como apoiando funerais ou a sobrevivência de seus membros, construções de imóveis, processos educativos e cerimônias com força política. No Brasil e nos países de formação escravista do lado de cá do Atlântico, a reexistência de novas instâncias familiares (além da sanguínea) ainda é uma força vital e um elã de celebração da própria humanidade, dada a catástrofe da desagregação na África pelo tráfico negreiro ou as constantes separações forçadas vividas nas Américas e no Caribe. Se os sistemas psíquicos e econômicos por séculos e até hoje, de várias

maneiras, põem em dúvida a humanidade de pessoas negras, pode-se reelaborar na desenvoltura de linguagens lúdicas e em seus códigos cifrados uma base muito consistente de aninhamento, de entendimento, de revide e de reconstrução pessoal e comunitária perante as estruturas racistas. Ressalte-se que dentre esses territórios do jogo, talvez por sua própria capacidade posicional em tabuleiros de agruras e respiros, isso fomentou não apenas solidariedade como também rivalidades, compreensíveis pelas complexidades que tangeram a afrodiáspora. A fala a seguir toca nessa camada:

Lembro de um mano que colocava várias linhas em africano. Ganhava também porque tinha mais conhecimento sobre isso, até que pegava alguém que era do lelê. Aí os cara cobrava e gozava até do santo... relatava ou inventava várias fita de terreiro. Pareciam se divertir rindo de coisas que percebiam que uma turma não conhecia (Leomar).

O rap consolidou uma percepção negra da cidade de São Paulo em seu todo, algo talvez já pressentido ou proposto de maneiras distintas também por outros movimentos sociais e artísticos que abarcaram linguagens musicais, projetos de educação popular, políticas comunitárias e que floresceu em porões, terreiros, vielas e beiras de rio, espalhando-se por sambas, rádios e centros culturais autônomos ou institucionais. O “Apresento meu amigo” pode ser considerado um irmão mais velho do rap, menos notório, mas que experimentou linguagens, embates, dilemas em esquinas periféricas e que, com formas similares ao rap e várias outras vermes estilísticas afrodiáspóricas, pôde catalisar raiva e diversão, gerar potência criativa e leituras sociológicas refinadas, fermentar e forjar comunhão sem idealização das relações entre negros e, ainda, propiciar uma complexa percepção de lugares sociorraciais que ofereciam aos praticantes e ouvintes inusitadas mesclas de conforto e incômodo. Pedagogicamente, o jogo em questão também fornecia e elaborava saberes geográficos da cidade e a instigante trança entre reconhecimento e estranhamento:

Jogando no Centro ou na [Zona] Norte com caras desconhecidos eu aprendia sobre o cotidiano de outras quebradas. Parecia que eu já conhecia tudo que ouvia, mas ao mesmo tempo ignorava várias coisas e informações. Tinha os caras que falavam de trabalho, de trem (que a gente não pegava nesse lado aqui da Zona Sul), falavam de mata, de rio e de água em quase tudo, porque moravam colados nas represas. E a gente só tinha os córregos para dar enchente. Hehehe (Rômulo).

Ainda há outro depoimento que reforça essa condição pedagógica da convivialidade e dos intrincados desdobramentos do que pode vogar entre semelhanças e diferenças. No caso, sobre as regras um tanto maleáveis do jogo:

Jogando com gente de outros bairros também tinha desavença por causa do jeito de jogar e das regras de cada lugar. Como em futebol de rua, que numa área vale dominar na calçada e tabelar (a bola) na sarjeta, mas em outros lugares não vale, sabe? Lembro de uns manos que começavam pelo “de onde que ele veio?” e você só podia fazer a rima final em cima desse verso na primeira rodada. Depois vinha o “qual é o nome dele?” e só podia arrematar em cima dessa rima, na segunda. Diferente de como a gente fazia na Zona Leste, que podia escolher qualquer linha pra sumariar no fim. Era algo mais fácil se tivesse na mão três rimas diferentes para escolher. Mas em outras rodas também acho que as três respostas para cada pergunta tinham que ser rimadas. Ou seja, só sobrava um tipo de rima para definir a parada na “O que que ele merece?”. A gente tinha que se adaptar. Aí fazia amizade e colava em outras quebradas, outras festas. Rodava a cidade a partir de um jogo que tinha tudo para dar em briga (Domingos).

Não havia padronização integral, pois o jogo sequer se institucionalizou ou foi amplamente assimilado, como outras manifestações culturais negras, nem foi propagado por apenas um meio emissor que passasse a ser referência inevitável ou árbitro incontestável, como o rádio, a igreja ou alguma federação esportiva. Não havia no jogo regras absolutas ou universais, mas algumas variações entre as muitas semelhanças de fundamento que garantiam a convivialidade e a troca de saberes pela partilha das mesmas bases de linguagem e de organização da vida. A flexibilidade, assim, é um talento sutil que emerge do desafio de traduzir elementos distintos que comungam um idioma.

A violência também era uma constância na matéria cotidiana da vida, trançada ao imaginário, como em tantos outros textos e contextos sociais e históricos brasileiros. A próxima fala toca em detalhes importantes das possibilidades ardidas do jogo:

Era muita pegada de malandragem, lembro que no centro ou nos rolês de baile aparecia até uns manos que queriam jogar a dinheiro. Tinha outros que a gente sabia que estavam armados, era um ambiente perigoso. Quem jogava daqui, que ia em outro lugar só pra curtir e acabava entrando na roda, tinha medo, mas aí não podia arriar. E, às vezes, só de estar de canto na roda, observando, podia ser intimado a entrar por alguém que tinha sido derrotado e queria se limpar e fazer o nome em cima de outro que vacilasse. No final, podia até ficar amigo se ganhasse, mas ali devia versar com muito cuidado pra não humilhar. Qualquer detalhe podia dar treta, eu mesmo presenciei coisa feia, coronhada, pancadaria. Ali tinha que ser sagaz, porque se quisesse fugir ou até se perdesse na rima podia levar uma multa e os caras pegarem uma blusa

ou um tênis seu como troféu. E, se você jogasse, não podia ir pro arrebento na boca porque arriscava cair ali mesmo (Douglas).

Da lábia aos punhos, da rima ao ferro e à arma de fogo, da contenda escancarada às gargalhadas irmanadas. Não se enquadra um jogo e uma função dessas como algo próprio apenas do mundo da representação. Movimentando esferas simbólicas como as imagens e as ideias vindas na lábia, há aí a presentificação, há uma cena que bordeja um ritual com suas repetições, ciclos, roteiros, linguagens litúrgicas e a abertura ao imponderável. Há um jogo que interfere, modela e remodela a vida prática de seus integrantes e que pulsa sem a garantia de um roteiro absolutamente estrito, por isso podendo causar ferimentos graves.

Se a violência é um molde recheado por temores e por audácia, a espinha dorsal do jogo é a malícia, princípio ético deslizante fundado na observação, na inventividade e na polissemia, amparado por mensagens preñes de segundas intenções e pela manutenção de apoios e esquivas que resguardam movimentos de alto risco. No caso dos jogos de artes verbais de matrizes africanas e sua convivialidade, a malícia também se desenha na habilidade de golpear sem tocar ou mesmo em se livrar da violência com o apoio de pretextos, melindres, ambiguidades e disfarces discursivos. A malícia aqui se refere à paciência, à sedução, ao tom corrosivo misturado à zombaria e até ao lirismo que finte. Significa também a potência do sussurro ou da melodia que superam o volume do berro e, talvez, principalmente, o equilíbrio entre cautela e risco na experiência da busca languageira por atalhos que amenizem o que há de pedregoso nos caminhos e nos conflitos. Essas linhas podem compor a teia do que chamamos de malícia e do que, como cisma e fabulação, pode instaurar uma confusão fértil no lugar da mera representação, uma opacidade em vez da transparência, um apreço pelas contradições em vez do maniqueísmo, uma graça fugidia que desconjunta estereótipos e uma elegância que reverte situações de brutalidade e concebe dignidade entre escombros, desesperos e letalidade. Eis enfim uma plena ética de convivialidades, uma filosofia de vida.

O próximo depoimento é bem ilustrativo sobre relações de poder, tabus e um leque de valores potentes nos discursos do jogo:

Mano, se for lembrar e relatar, hoje não passaria muita coisa em público. Era muita pegada machista e homofóbica, de monte. E pra tirar [depreciar] alguém, pra inventar alguma fita esquisita... era muita fala de putaria no meio. Só se prestava atenção pra não falar da mãe do outro, pelo menos quase nunca... hahaha... (Jardel).

Recorrentemente marcados por forte homofobia e misoginia, ressoam uma gama de valores que guiou gerações de jovens negros nas ruas. A complexidade dessa

posição machista nas relações raciais brasileiras tem várias vertentes e motivações. A despeito da incontestável liderança ancestral e contemporânea de mulheres negras em espaços autônomos e de poder das comunidades negras e da notória relação de respeito às diversas orientações sexuais que baseia muitas casas de matriz africana, é possível salientar o papel truculento e tantas vezes fatal na medonha abundância de violência doméstica no país; as posições ambíguas de homens pretos no que tange as relações de poder ou o desempoderamento entre os âmbitos privados e públicos; os embates materiais, sexuais e simbólicos com homens brancos no imaginário nacional referente às imagens de provisão familiar; a continuidade e a aceitação do exercício de papéis e de funções atribuídos aos negros desde o escravismo, vinculados a noções estereotipadas de ignorância, excelência *apenas* em aptidão física e sexual (em suposto detrimento das qualidades intelectuais) e virilidade incontida, há séculos feixes de um poderoso leque referencial que voga em todas as camadas da sociedade brasileira, especialmente a escola, a mídia, as organizações religiosas e as esferas trabalhistas.

A despeito de ser repleto de obscenidades e do que hoje seria chamado de, no mínimo, politicamente incorreto, encharcado de termos do chamado baixo calão, o “Apresento meu amigo” e os tipos de jogo de seu naipe foram muito desdenhados como manifestações culturais poderosas, privando-se da chance da observação justamente de sua singular convivialidade que pode desatar vários sentidos referentes à complexidade das relações humanas entre camadas de desigualdades. Considerado vulgar, talvez isso mesmo tenha distanciado pesquisadores que preferiram não se debruçar sobre sua teia e abdicaram de apurar de forma crítica princípios, fundamentos, vertentes e contradições especiais às comunidades negras e, por consequência, às sociedades de formação colonial-escravista. O que é lamentável, pois na prática do “Apresento meu amigo” são encontrados muitos fundamentos ancestrais dinâmicos sobre as psiques e as personalidades de pessoas negras. Esses jogos de lábia são mananciais de conhecimentos e técnicas que embasam e alimentam movimentos que se tornaram respeitosos para algumas camadas sociais apenas com o passar das décadas; haja vista o rap nacional, hoje um referencial admirado, estudado e premiado como matriz minuciosa de saberes políticos, sociológicos e estéticos, com seus precursores recebendo no Brasil hoje em dia títulos de doutor honoris causa e angariados para posições políticas de forte poder em assessoria, consultoria ou efetivamente como gestores públicos e privados. Rap que, nas décadas de 1990 e 2000, foi muito reprimido pela polícia, retratado de maneira deplorável nas mídias graúdas e perseguido nos ministérios públicos como “música de bandido” e um mal a se extirpar pela raiz. O mesmo poderia se dizer sobre a capoeira, o samba e as inúmeras formas culturais marcadamente negras em diversas regiões do país e das Américas e do Caribe que, apesar da mescla instigante entre repulsa e desejo por

parte de quem regeu a opressão, por décadas foram tratadas como algo próprio das escórias sociais, ameaçadoras patologias a se extirpar na urbanidade, marcas de ambientes e de pessoas que deveriam ser evitadas, caladas ou higienizadas se não passassem por anestesia ou tutela antes de serem reconhecidas positivamente nos mais amplos arcos sociais.

3. Sobre branquitude, princípios do viver em jogo e a circunlocução

O delineamento, a espessura e a flexibilidade das concepções de negritude têm como contraparte as noções históricas de branquitude. Elas se formam e performam uma diante da outra, imbricadas ao colonialismo e escravismo como, conforme dito, processos e frutos de modos de produção econômica e psíquica. Portanto, se é traçada aqui uma teia de elementos que qualificariam e estruturariam uma negritude, inclusive balizando diferenças entre si, torna-se imprescindível organizar os elementos que se caracterizam historicamente como branquitude, sobretudo em São Paulo e no Brasil, pois é nessa seara que se modelam muitas expressões e modos de convivialidade entre pessoas negras. A branquitude compõe sistemas de poder e estruturas sociais que as estéticas afrodiáspóricas confrontam, minam e das quais se defendem. Como podemos, então, compreender a branquitude nos campos psicológico, geográfico, econômico, filosófico e histórico? Se já tradicionalmente as culturas negras giram dentro (e ao mesmo tempo à margem) de sistemas econômicos, urbanos ou rurais, imagéticos e de um tabuleiro nacional de ideias e de forças que visam dominar, definir ou arrefecer a gente negra, seria tradicional também a cultura da branquitude? Quais colunas se erigiram através de cinco séculos na modelagem dessa branquitude que é confrontada mesmo que subterrânea ou escancaradamente?

Abaixo, então, estão elencadas algumas características básicas da branquitude, conforme estudos e teses realizados em especial nos últimos vinte a trinta anos. A lista aqui é sintetizada de maneira concisa e cada tópico já foi desenvolvido minuciosamente em tese de doutorado (Rosa 2021).

A branquitude se modelou e se percebeu como marco universal, como referencial de humanidade plena, e não como conjuntos de sujeitos também racializados pelo colonialismo e pela modernidade (mesmo que às avessas e fora de seu controle) em sociedades que instituem subjetividades e condições econômicas e sociais por marcas de corporeidade, proveniência e práticas culturais de seus indivíduos:

- A branquitude forja alianças e esquemas sociais intrarraciais pelo próprio silêncio, negação e manutenção de hierarquias diante do racismo e de discriminações negativas e exploratórias (o chamado pacto narcísico).

- A branquitude se defende através da chamada “retorsão discursiva”, como a que se expressa em artifícios de linguagem que estampam como “racistas” as pessoas e as lutas que denunciam o racismo.
- A branquitude se estrutura por meio de um imaginário regido por símbolos de dominação, limpeza, lisura, conquista ou de suposta tutela benevolente. Aí voga uma percepção de si como seres mais elevados e mais bem dotados que, por magnanimidade, assimilam, integram e educam “os outros”. Isso assegura, no Brasil e sobretudo em países de colonização ibérica e católica, o entranhamento ambíguo e por vezes fatal de uma complicada concepção de relações sociais que mistura intimidade, solicitude, violência e afeto em hierarquizadas relações sociorraciais pela presença ou partilha de certos elementos culturais tidos como de matriz negra, principalmente os vinculados à religiosidade, musicalidade e às artes.
- A branquitude cultiva do ponto de vista psíquico aspectos de perversão, pânico e terror mental em esquemas cognitivos e pedagógicos que moldam seres desde a infância para exercer superioridade e desprezo, o que por si só também é fonte de neuroses.
- A branquitude lida , de modo permanente, com crises de uma identidade fascinada pelo “exótico”, “marginal” ou, simplesmente, o “outro”. Esse tópico se apresenta também nas práticas de catalogar, controlar ou mercantilizar esse “outro” e suas faces, consumindo de modo efêmero ou duradouro o que pinta como “exótico” ao desfrute de seu olhar, de fetiches idealistas ou ao seu tecnocapital.
- A branquitude comumente se firma em estereótipos para manter como fonte de poder simbólico as projeções históricas de hipersexualização e incapacidade cognitiva atribuídas às pessoas pretas. Em contrapartida, considerados de modo inverso, tais estereótipos pressupõem um caráter positivo a pessoas brancas. Por exemplo, em vez de hipersexualizadas ou tidas como portadoras de cognição desfavorável, são consideradas e carimbadas por si mesmas como pessoas de sexualidade “normal”, autocontroladas, dignas de respeito, inteligentes e ponderadas. E que teriam como contrapartida, como suposto avesso positivo, características inversas atribuídas a pessoas brancas.
- A branquitude complementa o item acima com a “parcialidade”, recurso discursivo, imagético e político que chancela visões segmentadas definidas por procedimentos e comportamentos de uma pessoa negra que seriam, então, generalizados e apresentados como característicos de

toda sua suposta comunidade. No âmbito da “parcialidade” há também as representações que definiriam completamente uma pessoa negra apenas pela observação hiperbólica de uma parte fragmentada, selecionada e estereotipada de seu corpo — como a genitália, o cabelo, os quadris, a boca, a cor da pele etc.

- A branquitude define jurisprudências de diferentes pesos e validades considerando regiões, pessoas e comunidades distintas — como as metrópoles ou as elites internas nacionais faziam com e nas suas colônias, assim como hoje os centros de poder econômico das grandes cidades fazem com os territórios negros, como espaços culturais, periferias e enclaves de pobreza —, determinando quais vidas têm menos valor e quais decisões podem e devem ser tomadas por viaturas policiais nas ruas, onde a tortura é a norma, e por tribunais, mesmo que à margem de leis oficiais e que seguem como diretrizes para julgamento dos desqualificados fenótipos, linguagens e bairros de sujeitos que não são brancos.
- A branquitude dita lógicas de estado de exceção e de estado de sítio a espaços de destacada população não branca, criminalizada ou subalternizada nas narrativas oficiais e nas ideologias espraiadas por classes e grupos que garantem a continuidade de suas supremacias sociais.
- A branquitude normaliza poderes médicos e discursos pseudocientíficos que se configuram como herança do sanitarismo e do higienismo do século XIX e da eugenia que grassou entre os séculos XIX e XX. Esses poderes, estruturados à feição de uma suposta superioridade propalada à branquitude, estabelecem discursos e noções de patologia social e desembocam em práticas de “higienização”, seja urbana ou rural, e procedimentos de encarceramento (penitenciárias, manicômios etc.) voltados a grupos de populações negras e indígenas, segregando, esterilizando ou aniquilando.

Expostas as linhas que configuram o novelo nomeado como branquitude, continuo aqui a desenvolver sobre a convivialidade entre jovens negros praticantes dos jogos de artes verbais, sobre como o “Apresento meu amigo” lida com esses arcabouços ideológicos de contextos nacionais e pan-africanos e como sua lábria se estrutura e recria fundamentos estilísticos caros às linguagens que artes negras performam há séculos no continente africano e nos circuitos da sua diáspora atlântica.

Leda Maria Martins, Henry Louis Gates, Edimilson de Almeida Pereira, Núbia Pereira de Magalhães Gomes, Édouard Glissant, Toni Morrison, Danille K. Taylor-Guthrie e Dénètem Touam Bona são algumas das principais autorias que há décadas tratam das estéticas das artes verbais de matrizes afro, especialmente as que se desenvolvem

nas Américas e no Caribe (Bona 2020; Gates [1988] 2014; Glissant 2021; Martins 2021; Morrison e Taylor-Guthrie 1994; Pereira 2022; Pereira e Gomes 2003). Abaixo se traça o diálogo com alguns elementos primordiais minuciosamente estudados em suas pesquisas e também em práticas que abarcam a oralidade, a oralitura, a escrita, os *cantopoemas* e que se configuram em textos dramatúrgicos, litúrgicos, ficcionais, ensaísticos e em jogos de letras cantadas, entoadas, faladas ou assinadas em livros.

A “circunlocução”, por exemplo, é uma característica estética importante da afrodíaspóra dadas as condições de troca de saberes, de aprendizados, de estratégias políticas e de enfrentamento que ocorreram no seio do escravismo, quando muito não podia ser explicitado. Por sobrevivência, pela manutenção de confrarias e de pequenas conquistas, pela feitura de iniciações ou pelo planejamento de fugas e levantes, pela necessidade e pelo prazer, praticam-se metáforas e formas que dizem sem falar de forma direta ou que pronunciam um tema rondando e detalhando suas características e qualidades, mas nunca explicitando abertamente seus aspectos e exigindo decifrações e desates de laços que, conforme a crença e as regras de quem praticam os jogos, podem derrubar e até matar com a força da palavra e seus encantamentos. A circunlocução e outros modos poéticos e textuais caros à diáspora de matrizes africanas são embebidas ou encharcadas de um manancial estético africano e suas caldas de linguagens pertinentes a cosmossensibilidades que não ditam apenas lógicas de transparência, mas que prezam pelo oculto, pelo sugestivo, pela opacidade ou multiplicidade semântica; pela contradição enriquecedora entre as partes de um tema (o que tanto influenciou o chamado barroco ou o rococó praticado no hemisfério sul); pelas louvações que listam inúmeras qualidades a forças homenageadas, como as praticadas por *djelis*, *griots*, *muezins* e *partideiros*; pelo posicionamento provisório dos sentidos movimentando-se entre as bases fundamentais da expressão que sustentam jogos de estilo; pelo imaginário noturno com linguagens que prezam o cultivo dos segredos e mesmo suas formas de revelação, feitas, porém, de modo que prevaleça o mistério. Esses são alguns tópicos que na dita modernidade eurocêntrica, escravista, foram invariavelmente desqualificados como incivilizados ou até demoníacos para a manutenção de projetos de poder racistas, ainda que tenham se infiltrado em técnicas e círculos de comunicação que passaram a ser símbolos nacionais ou supervalorizados pela indústria da comunicação e do entretenimento. Muitas formas poéticas e musicais negras, por exemplo, se consolidaram como refrões, estribilhos e gêneros na indústria fonográfica e de entretenimento, abundantes nas gravações de estúdio e palcos por todo o século XX e que perdura até hoje.

A convivialidade enredada no plano da circunlocução é conduzida por uma incompletude cíclica e ensina métodos de procedimento do que se exhibe e do que se guarda na fala, do que se pronuncia ao redor de um tema e que pode apresentar infindas qualidades e

condições poéticas acerca desse tema, nunca pronunciado diretamente mas sempre tratado de forma que seja entendido como o que é, em um equilíbrio entre o que há de mais nítido e de mais escondido em suas qualidades e atribuições. Assim, o que está oculto e o que baila nas entrelinhas e nas cifras do verbo provê e desafia a habilidade artística da lábia que lida com enfrentamentos ou relações delicadas em jogo.

Elaboradas entre territórios hostis constituídos pela branquitude, as sapiências das metáforas e as sugestões de ocultamento são esteios flexíveis e pilares firmes que se erguem sobre fundamentos ancestrais sustentando subjetividades e princípios comunitários. A incompletude, o cultivo das lacunas como fertilidade criativa e o impulso de comunicação e o rodeio (que pode ser imensamente contundente) compreendidos como bases estéticas, propiciam o vigor de sistemas de compreensão de mundo cultivadas em linguagens que afrontaram conceitos dominantes de humanidade, individualidade, política, temporalidade, direito, urbanismo, educação, saúde e outros temas-chave do chamado pensamento moderno ocidental que se tornaram preponderantes e hegemônicos tendo como contraparte elementos culturais e corporais negros a se aniquilar ou tutelar em nome da ordem e progresso.

Sobre espacialidades, no “Apresento meu amigo” há a chacota que inventa apelidos e tripudia da aparência e dos lugares de onde o sujeito veio, reforçando até mesmo estereótipos. Mas há também exaltação e elogios ao adversário ou à sua proveniência e linhagem, além da fabulação de um “dote” a lhe presentear. No próprio nome do jogo salta a importância do espaço como real fundamento afro-diaspórico, instância elementar que firma territórios e que, por sua vez, não impede o movimento, a circulação, mas os requer para que a força da comunidade e sua ancestralidade se espalhem, angariando força política e espiritual. O “Onde”, princípio entrelaçado à memória das migrações forçadas e letais e ao movimento de resistência vital, frutífera, entre fronteiras e formas.

As temporalidades que se trançam na convivialidade de um jogo que tem como ingredientes a circunlocução são várias e não cabem em um entendimento teleológico e na clássica linha de passado-presente-futuro: são as da própria dimensão do período permitido para a formulação de cada pergunta e resposta; as da métrica adequada a cada verso; a da repetição (sempre aberta a um movimento original) da realização do jogo em momentos esperados no calendário semanal entre festas, trabalho e cotidiano dos bairros; as das ancestralidades que afloram e se firmam na própria materialidade e na carne das palavras, cultivadas, citadas. São dimensões temporais vividas e que entrelaçam circularidades, encruzilhadas, espirais e muitas outras formas de se conceber os tempos.

Cerne filosófico no ato que é brincante, saboroso e que pode ser também traumatizante, avassalador ou humilhante, o princípio do jogo reelabora espacialidades, relações humanas e, no caso destacado, masculinidades. O princípio do jogo como fundamento de vivência organiza um elã comunitário que abarca não apenas os seres humanos existentes como também forças míticas, sensibilidades cósmicas e antepassados eleitos ancestres por terem deixado legados fortalecedores à comunidade e, por isso, fontes pulsantes de *Ngunzu*, de Axé e força vital na presença de seus nomes e feitos, ritmos e matérias. Sobre formas e seres ancestrais, as devoções, os enaltecimentos e até as zombarias com as histórias de suas contradições, alimentadas nos jogos verbais em analogias, louvações e façanhas, rodeiam ou vão ao centro de suas imagens arquetípicas em séries de atribuições poéticas às suas façanhas e especialidades. Homenagear o ancestral é também uma maneira de homenagear (e elogiar) a si mesmo. Como se diz no samba ao se agradecer palmas e tributos: “aprendi com os melhores”.

Em um jogo cabe um mundo inteiro, um universo autônomo que é metáfora da carne do mundo, como no xadrez ou na pipa empinada; no jazz ou no dominó; no oráculo dos búzios, ossos e cauris; no que se desenvolve em rodas de ritmo instrumental, cantorias e bailados ou entre tantos outros jogos. No tabuleiro, no seu ambiente, nos seus movimentos, qualquer jogo é invenção e vivência de um mundo singular que se basta e que reflete inteirezas das relações humanas e das relações com forças ambientais, ancestrais e vindouras. Jogo inventa território, linguagem e temporalidades próprias. Noventa minutos de um jogo de futebol, por exemplo, podem ser eternos nas memórias contadas, formas cultivadas e momentos míticos que se perpetuam em corpos e narrativas. Jogos verbais trançando corpo e ideia há em muitos cantos da diáspora e são fundamento de ecologia, alegria e política, fundamentos éticos civilizatórios, fundamentos de “libertação” (Sodré 1998).

4. Sobre estilísticas do enigma, da incompletude e do humor (no horror)

Jogos verbais de desafio, ofensa e diversão historicamente praticados por pessoas negras incluem, por exemplo, além do gererê e do “Apresento meu amigo”, de São Paulo; os *dirty dozens*, dos Estados Unidos; o *ikosha nkosha* nigeriano; o *apo ashanti*, do Gana; as adivinhas *tchokwe* nos *soni*, do nordeste de Angola; o *tantalisin* e os duelos *awawa* entre os maroons, da Guiana; as *puya* e *controversias* e ainda os traçados e enigmas da confraria dos abakwa, em Cuba; a *vociferación*, na Colômbia; o *banter* ou *banta*, de Barbados e da Jamaica; o queniano *michongoano* e a linguagem gusii no jogo chamado *egosori*, também no Quênia. Todos são primos-irmãos pan-africanos de lábias e poemas acompanhados por instrumentos musicais em incontáveis e

majestosas musicálias, mas que vogam também destacados em rodas onde apenas vozes trocam sentenças faladas e cifradas respondendo charadas, propondo enigmas, confabulando cismas, ambiguidades e acendendo polissemias banhadas em malícia. “A língua quebra dentes” é um antigo provérbio kikongo que se refaz diariamente nos becos, vagões, bares, fundos de quintal e escolas na lábia negra.

No Brasil, especificamente, familiares a jogos e desafios de lábia e adivinhas, há em cantorias de peleja a vasta linhagem de artes verbais que cultiva princípios formais semelhantes. Há os notórios repentes de matriz nordestina (por tanto tempo, referenciados nas pesquisas hegemônicas e oficiais como herdeiros de uma matriz exclusivamente ibérica, desconsiderando até mesmo a africana na formação cultural de Espanha e Portugal, além das estilísticas, figuras e temas abundantes nas poéticas kongo-angola presentes no cancionário e nas sonoridades nordestinas); os ancestrais vissungos e seus cantos de multa, de trabalho ou de funeral em Minas Gerais; o partido alto marcadamente carioca; as embaixadas que mesclam textos litúrgicos e improvisos em reinados de congado também de Minas Gerais; os desates do jongo, do tambu e do caxambu abundantes nos interiores sudestinos com sua sofisticada variedade estilística de gênero, de “demandas” e “bizarrias” e linhagens de cantopoemas de *carrêro* e de *candiêro*. Esses são apenas uma pequenina parcela entre outras inúmeras manifestações estéticas e textuais que trançam o artístico e o comumente chamado de religioso (ou espiritual) de matriz africana. Tal leque infindo de artes verbais, muito possivelmente conjuminada com outras artes cênicas, e do corpo em suas feitura e expressões, apresenta com frequência enigmas que devem ser “desamarrados” e respondidos com exatidão e limpidez ou com um novo fraseado metafórico igualmente enigmático.

Pelas memórias orais colhidas na pesquisa sobre o “Apresento meu amigo”, comparando-se ainda o fruto dessas recordações com outras artes da lábia afrodiáspórica, linhas da versação também passam pela afirmação da negritude ou do bairro; pela denúncia, mesmo que enviesada e irônica, do racismo, da pobreza e da violência policial; pela ênfase na prática de heranças culturais e familiares e pelo enaltecimento (e comparação consigo mesmo) de heróis ancestrais ou contemporâneos dos territórios negros do bairro, da cidade, do país e do além-fronteiras nacionais. Emaranhadas a esses motes, abundam “pancadas verbais”, zombarias obscenas e afirmações de proezas sexuais envolvendo familiares ou companhias afetivas do oponente. Ou elogios da camaradagem e solidariedade satírica perante momentos e agentes de opressão. Porém, se rudeza e veemência não são necessariamente itens negativos de uma performance, e podem ser eficazes ou demolidores, os craques recordados são aqueles que jogam “na manha” e pronunciam imagens com humor, demonstram virtuosidade tecendo enredos com múltiplos sentidos e fazem rir enquanto

vencem oponentes. É mui considerado o jogador capaz de aflorar o espanto e o encantamento, o quimérico e o prodigioso com a melancolia e a nostalgia, desatando risos do público com sátiras que podem se enamorar a um romantismo (mesmo que ácido) e também se alinhar a uma vasta tradição de surrealismo e de fantasia das poéticas negras (Kelley 2002: 157-194). O jogador é ladino, pois domina linguajar e imaginação, e é admirável pelo manejo de elementos lembrados como ímãs que atraem presenças aos encontros. Aí está o que alguns entrevistados chamaram de “A poesia”, algo que os fazia se deslocar pelo bairro para convidar o jogador excelente em sua casa ou trabalho e até abrir mão de responsabilidades profissionais, familiares e de outros acontecimentos em um passeio (como os flertes e as brigas planejadas, danças em um salão de baile ou práticas esportivas) para acompanhar o “Apresento meu amigo” e a convivialidade marota, pedagógica ou agressiva em plena teia de sentenças, versos ou chacotas, manejada pela lábia de um craque do jogo.

O refrão “Apresento meu amigo”, as perguntas básicas do jogo e suas variantes se familiarizam com outros aspectos das estéticas africanas, sobretudo as musicais, poéticas ou gráficas. Um deles é que o fraseado, com seu temário e os efeitos sonoros vocais, corporais, instrumentais ou em avançadas tecnologias de maquinário podem compor camadas e atualizações da versão original em polifonias, refeituas e *samples*, reproduções e colagens mexidas que são apresentadas como homenagem ao original e renovação das linhagens. Eis aí um princípio de convivialidade que cultiva a ancestralidade, o “tempo original”, em afetiva reinvenção estética como uma forma que entrelaça forças de épocas distintas. A distorção, o estabelecimento de feixes sonoros, a sobreposição de refrões do coro ou o entrelace de sons que firmam polifonias e polissemias de palavras e de melodias que se interpenetram ou de claves rítmicas que se justapõem é um valor estético que baseia uma percepção refinada e vigorosa da vida. Repetir a mesma pergunta, mas talvez reinventando-a em outros termos, não é propor de modo simplista uma mesmice (pretensamente imutável) cíclica ou circular, mas sim reorientá-la, e demarcar, em convivialidade aberta e colorida pelo imprevisível, sua origem. Eis uma chancela de ancestralidade: a louvação a uma dimensão original do tempo, com suas regras e seus legados tão fundamentados quanto lacunares, solicitantes da refeitura que possibilita a marca pessoal. A reinvenção em convívio, desejada e apreciada, pontilhada por essas formas, contempla o que essencialismos, fixidez e rigidez afins ao fascismo e a fundamentalismos tacanhos e autoritários não conseguem dar conta. No entanto, tampouco aqui, com princípios em relação às mais variadas influências regionais ou cosmopolitas, poderia se firmar um esgarçado, publicitário e mercadológico multiculturalismo tão caro a discursos de diversidade neoliberal.

Além disso, cabe ressaltar como as formas da adivinha e da “circunlocução” também são as bases de um dos mais celebrados raps da história do Brasil, o cantopoema “Jesus Chorou”, cantado por Mano Brown e gravado pelo grupo Racionais MC’s no álbum *Nada como um dia após o outro dia* (2002). São ícones da verve negra esse texto e esse álbum. A música começa com a clássica pergunta “O que é, o que é?” e desfia versos metafóricos da lágrima e do pranto como “Clara e salgada, cabe num olhar e pesa uma tonelada”, “Tem sabor de mar, pode ser discreta, inquietina da dor, morada predileta” ou “Refém da vingança, irmã do desespero, rival da esperança”. Aqui vibra a circunlocução, forma por excelência do verbo afrodiaspórico que consiste em poetizar ou narrar algo sem pronunciar diretamente do que se trata. Isso garante a incompletude perene do símbolo e do mote que pode ser interpretado de inúmeras maneiras e destrinchado de variadas formas, fomentando críticas a rivais, amantes, comerciantes, viajantes etc. e ao sistema político, soprando levantes ao mesmo tempo pronunciados e guardados, entoados e protegidos.

A circunlocução, ato estético de dar voltas rentes a um tema sem nunca esclarecê-lo por inteiro, apresenta o teor dos enigmas e requer a habilidade de gerar e depurar imagens relacionadas a um tema por horas ou mesmo por noites sem fim e a habilidade de decifrar e reformular tal tema. Assim se tratam o cerne e as múltiplas contradições ou características de um mote, aprofundando o entendimento de seus sentidos de maneira pouco maniqueísta e se assegura também a ambiguidade ou a polissemia das interpretações, que são diferentes entre quem pratica o jogo e quem pode ser um ouvinte opressor, repressor ou inimigo, como os patrões, a polícia ou algum agente de fora infiltrado na roda. A convivialidade executada nesses moldes flexíveis é intrinsecamente tecida pela malícia, pelo disfarce, pela incompletude e pela sagacidade, além de conhecimentos partilhados por um grupo de iniciados ou de pessoas que partilham vivências. As técnicas do rodear para desferir — enquanto uma evasão é simulada ou a decifração da ironia poética é solicitada — desenvolveram-se no período histórico do escravismo como estratégia política para garantir levantes, cultivos, fugas, quilombagens, manutenção de irmandades, retomada de ouro e de minerais garimpados por quem não poderia possuí-los ou ainda ter a calculada liberdade de zanzar pelas cidades já no século XIX, como a dos escravizados de ganho e de aluguel, vendeiros, servidores braçais ou carregadores.

Essas formas e gêneros poéticos que rodeiam um tema alinham-se ao novelo de uma ancestral estilística africana marcada não só pelas adivinhas como também pelo modo “pergunta e resposta”, forma mais importante das oralidades e musicalidades comunitárias negras que se espraiam da capoeiragem, do samba, do coco, dos lundus, do jongo e do maracatu afro-brasileiros ao *currulao* colombiano, à rumba cubana, à *ladja* martiniquenha, ao *candombe* uruguaio e à *kumina* jamaicana, entre inúmeras

manifestações poéticas-bailarinas-musicais afrodiaspóricas e presentes também nos diálogos instrumentais do choro, do jazz e de orquestras e baterias que firmem, acompanhem e respondam uma frase mestra vocal ou melódica que guia um tema e uma função.

A convivialidade para a prática da lábria com esses códigos e linguagens requisita algumas presenças: a de quem profere a sentença-base, que pode ser apenas uma pessoa ou o coro dos presentes, e a de quem a responde, até que o rival possa solar também. O “Apresento meu amigo”, função de dois jogadores entre o público se perfaz dos movimentos de um por vez até que se arrebate na lábria o xeque-mate (ou a rasteira), vigoroso e preferencialmente sutil. Ou seja, é no fundo algo que não se pratica sozinho. Nas expressões culturais de matriz afro a roda é um fundamento que fortalece e concretiza o encontro, com suas minuciosas contexturas de horizontalidade e hierarquia. Na roda se expressam as bases do encontro e em seu sonoro coro se materializa a função poética, por vezes entre palmas, apupos ou instrumentos musicais. O coro, que no “Apresento meu amigo” dá mais tessitura e calor à expressão e pode propor desafios de habilidade aos pelejadores, demonstra que o público não é mera plateia, isso que se constituiu crescentemente com o advento e a consolidação das culturas modernas de massa e de consumo, sobretudo a que se baseou no tripé rádio-disco-tevê. O coro e a roda ou o cortejo são integrantes essenciais para a temperatura, as demandas, as minúcias e os panoramas comunitários do texto ancestral que se cria e recria. As artes da lábria cumprem diversas finalidades como momentos de iniciação, diversão, reivindicação etc., abarcando, inclusive, manifestos por políticas de reparação em territórios marcados pelo escravismo e suas sequelas sociais contemporâneas. Como o próprio título do jogo já enuncia, há uma convivialidade inerente à sua prática, sendo impossível realizá-lo sem companhia. O público, além dos dois jogadores, poderia parecer prescindível para quem o carimbasse como plateia, mas é fundamental e é rara a ocasião em que ele não influencia rumos da função com seus clamores, silêncios, vaias e estímulos, que são integrantes da própria materialidade discursiva que compõem o encontro.

Discernir sobre estéticas do humor oferece meios de reflexão sobre as mesclas de graça, ternura e violência nas diásporas pretas, especificamente entre os homens. A estilística das adivinhas e do deboche condiz também com as técnicas do silêncio estratégico, da caricatura mordaz, da finta tática e do susto epifânico. As conjuras entre comicidade/ revolta, sátira/ solidariedade e zombaria/ desespero trepidam noções clássicas da razão moderna, refutando o que chegou a ser propalado como loucura, patologia comportamental ou suposta degeneração que seria visível em características corporais desqualificadas pelo filtro da branquitude como defeituosas e provas de má índole, demência ou selvageria. O humor praticado em conjunto, e em

certos momentos diante de algozes, em plena catástrofe racista, por vezes derreteu o que afirmaram as correntes políticas da eugenia moderna com seus ditames de sanitarismo-higienismo-aniquilamento e com seu poderio político que formulou projetos de estado. Se práticas culturais ou características físicas pretextaram internações compulsórias em manicômios e sanatórios, encarceramento, despejos, exclusões do mundo do trabalho, da escolarização e encamparam justificativas para violentas coibições policiais, a sátira escancarou o ridículo e o patético de comandantes ou cultivou como linguagem cifrada o que havia de boçalidade em senhores de engenho, militares de alta patente e patrões. É clássico e de domínio público o ponto de jongo cantado até hoje nos interiores paulistas que entoa “Com tanto pau no mato, embaúba é coroné”, o que fazia o coronel, dono da grande fazenda, se regozijar e, envaidecido, anunciar que era homenageado por suas “peças”, seus escravizados, aqueles que entre si na verdade gozavam da ignorância do senhor que não entendia a metáfora que afirmava que ele era imprestável como um pau de embaúba, árvore de tronco oco. Isso enquanto pediam para repetir a “homenagem” e cantar várias vezes o que se oferecia ao coronel...

Afrontando noções de individualidade moderna por conjuminar concepções de personalidade que se movem entre o individual e o comunitário, lidando com contradições e labirintos da própria existência através de fundamentos estéticos que se desenvolveram entrelaçados às bases ancestrais que nas lógicas do jogo, inclusive entre vivos e mortos, se firmam, por exemplo, na maleabilidade do transe e da troca do que foi (inadequadamente) chamado de possessão, e traz ao corpo receptor a presença de outros seres em convivialidade transtemporal e transespacial, as culturas negras. E até as entidades espirituais e ancestrais conclamadas à roda brincam, bailam, satirizam e instigam a alegria, inspiradoras.

Florescendo em mananciais africanos e desenvolvendo-se em contextos afro-atlânticos, lidando com relações de poder coloniais e novos ambientes de terror e de convivialidade em seio escravista, há uma estética que pouco coaduna com conceitos clássicos eurocêntricos em relação à abstração e à forma. Tal como, se em vários idiomas africanos e em linguagens afro-atlânticas o próprio termo “estética” inexistente, encontramos várias palavras relacionadas à sensibilidade e expressividade, como no caso dos significados de *dheeng* para o povo Dinka, do Sudão: “Dignidade, nobreza, beleza, boniteza, elegância, charme, graça, gentileza, hospitalidade, generosidade, boas maneiras, discrição e amabilidade” (Deng 1972: 14–24). Da mesma forma, encontramos outros sentidos subversivos e gozosos como na Zâmbia, quando em 1825, as leis inglesas coloniais ou tentavam impor que nenhuma pessoa poderia formar ou tomar parte em danças que sejam calculadas para expor ao ridículo ou ao desprezo qualquer pessoa, religião ou autoridade. Mandantes colonizadores

britânicos, sábios da potência que são as danças de escárnio, bradavam pelo temor da zombaria. E na fresta caricatural em que se confundem alegria e escárnio, venenos políticos afrontaram exércitos e cortes que fincavam seus poderes genocidas.

Humor possivelmente se engendra como ímã da alegria. Alegria, em sua fonte etimológica, é uma força e um sentido integrado à família do que seja “alado”, parente do que é álaço. E alacridade é a condição e qualidade da flutuação que vibra em sintonia com o compasso do mundo, tendo o chão como base e oriente. Celebrar uma vitória em um jogo em que até o derrotado pode gargalhar é, mesmo em instâncias deploráveis de vida, uma verve de alegria suprema em convivialidade que trama críticas, espantos, revides e opções mais amenas ao cotidiano, realçando a própria humanidade nos detalhes estéticos de atos que desobedecem à mais básica estaca colonial escravista: a que assevera inferioridade e superioridade de alguns grupos e pessoas em relação a outras. Isso que ainda tanto vogou em uma pretensa modernidade que preconiza a liberdade e a igualdade de direitos, mas que as segue tolhendo de várias maneiras.

A subjetividade que desliza entre enigmas, desafios agônicos e humor, que assume a emoção e a polissemia no discurso, está bem longe de renunciar à razão, mas torna esta mais concreta, humana, palpável e comunicativa (Gonzalez 2018: 74). A abstração se enovela à concretude bailarina da linguagem e aos argumentos que se modelam aos seus ambientes, recriando temporalidades e condições de vida, elaborando técnicas que escapam à rigidez da opressão dos chicotes e cassetetes, à exclusão de oportunidades de cidadania ou do alcance e chancela das linguagens hegemônicas (inclusive as acadêmicas) e dos limites diante do que significa inteligência, expressividade, criatividade, mas são as forças políticas da lábia.

Humor, sátira, chacota e charadas repletas de deboço e ironia, enlaçadas por “obscenidades” (pelo menos perante a ótica e a moral colonizadora, que tanto chafurdou em estereótipos sexuais e vilanizou o erotismo) movimentam saberes, segredos e surpresas em ambientes de pleno horror racista. O humor protege ou desvenda disfarces, dilui ou alivia as toneladas psíquicas e físicas da brutalidade. Observando ou reproduzindo violências, movimenta-se na tênue fronteira entre a razão, a sanidade e o colapso mental característico dos espinhos, solavancos e abismos da tal ascensão social prometida pelas ideologias da meritocracia moderna e barrados à gente negra no Brasil (Souza 2021 [1983]). Humor é tática de jogo nos campos do complexo balanço entre justiça e vingança, esperança e desespero. A ironia pinça, catalisa e expressa o encantamento cotidiano e tanto alimenta quanto confunde os embates entre ética e moral, conjuminando e sustentando o princípio ético e civilizatório da alegria. Escapando também a previsíveis ditames mercadológicos da pseudorrepresentatividade e diversidade (fundamental em espaços de poder e

ainda insuficiente para mudanças estruturais) tão afeitas ao neoliberalismo, o humor confunde e goteja lampejos de nitidez, mantém a vivacidade do enigma, conjura sensibilidade, imaginação, sagacidade, capacidade de compreensão nas entrelinhas e reverte sentidos consolidados historicamente. É elementar às nuances ontológicas e pedagógicas da lábia ladina. Trama vinganças mascaradas de elogios. Mina poderes da branquitude e cifra desejos e insurgências.

Porém, adversários com mais experiência, renome e técnica nem sempre vencem. Como em uma metáfora da vida, das relações políticas e das lutas sociais afro-atlânticas, jogadores com menos habilidade que dominam a face psicológica do jogo são capazes de vencer desenhando sorrisos no público e desdenhando a grandeza do favorito. A hierarquia pesada teme o que sobre seus pontos vulneráveis e umedeça sua segura; teme a corrosão do que se anuncia maciço. E, ali, no deslize das caldas que não cabem nos tachos rachados da lógica dura mora a tática da ironia. Sentido é muito mais do que significado. Com o humor se perscrutam e se afirmam desejos, insurgências e se desmancham ou se refazem máscaras.

Estilisticamente, o escárnio nos desafios verbais formou mestres de fascinante domínio das técnicas orais, conjurando sensibilidade, imaginação, sagacidade, aptidão para compreender nas entrelinhas, em diversos contextos sociais e capacidade de reverter sentidos. Se voga um papel pedagógico na lábia e nos desafios verbais, é o que ensina e exige o equilíbrio para aguentar os mais pesados insultos, devolvendo somente na sua vez certa e apenas na forma palavreada. Assim, como se formaram homens negros nesses circuitos, maturando enquanto marcaram sua presença nos jogos e deixaram legados mesmo que anônimos? Eis algumas nuances dessa pedagogia ante as avassaladoras provações que a vida, e em especial o racismo, despejaram nos seus caminhos.

A ironia é ingrediente fundamental da cozinha de saberes pretos (Sodré 1983) e já surge no próprio título do "Apresento meu amigo", pois o "amigo" é quem será achincalhado pela lábia do rival. Ironia, característica estética suprema das artes afrodiaspóricas, se fez primordial em condições em que se desafia o poder e seus limites de compreensão, nas ocasiões em que o considerado física ou politicamente mais fraco pode superar o mais forte pela astúcia e sapiência na colocação dos elementos do jogo e pelo uso das artimanhas do texto e seus deslizamentos pelo contexto. Ainda sobre o próprio título do jogo, o poder do improvisado na rima, do verbo na construção das imagens ou de um conhecimento geográfico aflora na sagacidade diante de respostas inesperadas sobre qual é o lugar real ou, sobretudo, o imaginado de onde provém o adversário da porfia. Por exemplo, se uma resposta para a pergunta "De onde que ele veio?" for um bairro ou uma região bastante conhecida por uma ou outra característica histórica, cultural ou espacial, será uma jogada de mestre relacionar aspectos dessa propriedade, seus

legados ou significados conhecidos socialmente com uma resposta formulada de maneira súbita que pode ser falada de forma satírica, épica ou absurda, ironicamente. A ironia é pilar expressivo em convivialidade que apruma gracejos e humilhações impiedosas enquanto desafia o ser em suas relações entre demonstrações de força e de carinho nas lidas com a regra do jogo e o imprevisível da inventividade.

Para a ironia é essencial um elemento oral que a escrita muitas vezes persegue e nem sempre encontra ou germina: o tom. Valoriza-se a multiplicidade de modos, ritmos e timbres de voz; a criação de imagens inusitadas ou de memórias partilhadas pela coletividade; a força da sugestividade (que beira uma maliciosa evasão perante a contundência direta de versos agressivos); o experimentalismo que se relaciona fortemente à regra do jogo. Esses aspectos demonstram como e quanto é possível ser criativo dentro de moldes preestabelecidos, ou seja, como em qualquer jogo, com suas dimensões próprias de definição de temporalidades e espacialidades, o que ressalta a habilidade e a encantaria de um jogador é principalmente a sua capacidade de inventar caminhos e conceber um estilo não previsível, mas adequado à regra imanente do jogo.

Em combinação sedutora, recheia-se a função expressiva com densidade, por seus significados, e valoriza-se a fluidez, por seus modos. Tanto o que se pronuncia quanto o como se entoa são fundamentais. Assim, em relação à linguagem, afloram e manejam-se ritmos do impulso e do repouso. Respeitam-se imagens ancestrais e seus pilares subjetivos. Recriam-se imagens colaterais ou bordam-se novos personagens para narrativas firmadas em uma consciência histórica pessoal e comunitária, dessa feita apropriando-se até de elementos pop e de efemérides ou dialogando com formas provenientes de outras matrizes culturais, a princípio exógenas. Nesse tabuleiro e laboratório traçado em convívio, pode se abrir mão de componentes consolidados na memória e no cotidiano das comunidades que os jogadores integram e compõem. Com uma teia de imagens e entre as normas do jogo, ideológica ou esteticamente, o grupo e suas formas de considerar a si mesmo e seus contextos sociais põem-se em movimento.

A pronúncia e a lábia são parte do estilo que contorna, firma e afia movimentos polissêmicos. Na pronúncia está a fundura que um jogador apresenta enquanto baseia ou deslinda referências e a amplitude do seu poderio irônico. Em sua *lábria* estão as ideias que fazem um jogador ser reconhecido por compor imagens cruas, surreais, românticas, cromáticas etc. O estilo também se destaca pelo modo como um jogador abre seu leque de referenciais que provêm do mundo animal, suburbano, religioso etc. Ainda na teia que perfaz um estilo estão as alturas e o volume da voz, os estalos, os silvos, os sussurros, as pausas, os gritos e as artimanhas vocais que performam agudos, graves, chiados, melismas, rouquidão etc.

Aqui estética é a composição dos elementos sensoriais, das abstrações em jogo e da ética que fundamenta a troca em desafio. É a matriz do estilo e o que de fato constitui a humanidade de quem lida e luta com a despersonalização histórica voltada às pessoas e às comunidades negras nos países de colonização escravista, lidando com espelhos trincados emoldurados pelas referências provindas das elites estrangeiras ou das elites nacionais que constituem os colonialismos internos. No estilo e em suas formas, nos conjuntos e nos detalhes estão o diferencial e a singularidade que escapam aos slogans e que não se conformam de modo simplista aos modelos padronizantes da comunicação de massa e dos radares e anzóis mercadológicos graúdos. Elaborando estilo próprio e tecendo um lugar especial de humanidade criativa em um jogo de artes verbais marcado por elementos ancestrais e comunitários, sintonizado com informações e experiências próprios da circulação de ideias e de mercadorias que giram além e aquém de fronteiras na virada temporal entre os séculos XX e XXI, fazer-se e afirmar-se pessoa em convívio com linguagens e linhagens ancestrais não é se tornar um mero indivíduo mas se tornar pessoa entrelaçada a uma comunidade com camadas variadas de historicidade e temporalidade, afirmando-se pela estética e política como “ser negro” em uma cidade e em um país onde afirmar negritude foi quase sempre se agarrar ao considerado atrasado, sujo e selvagem, ao caricato que nos discursos benevolentes da branquitude necessita ser tutelado, ou seja, amigado, assimilado, corrigido e, potencialmente, punido em seu trajeto tortuoso aos píncaros da civilização e da cultura erguida sobre esteios raciais e racistas. Assim, ser “pessoa” através da destreza da linguagem, nessa forma de convivialidade, não soterra as arquiteturas espirituais comunitárias nem dissolvem a substância e os elãs da autonomia individual, imersa em dimensões temporais que são várias e se distinguem da clássica linha moderna eurocêntrica, teleológica, configurada em passado-presente-futuro ou mesmo em sua inversão, que mantém o mesmo princípio linear e é frequente em formas consideradas subversivas ou autênticas do ideário do próprio modernismo paulista.

5. Conclusão

Alguns dilemas permanecem ao fim desse ciclo de pesquisa. Um deles se refere às motivações que fizeram versos e sentenças do “Apresento meu amigo”, além de suas frases básicas, não se cristalizarem na memória pessoal e coletiva dos praticantes do jogo e de sua comunidade extensa, como ocorreu com tantos outros fraseados de várias manifestações de lábia pan-africana e, especificamente, afro-brasileira. Vale ainda mais mergulhar nos entrelaces da urbanidade, mídia, memória, linguagem, moralidades, ética e masculinidades negras para que se perscrute essa questão.

6. Bibliografia

- Bona, Dénètem Touam (2020): *Cosmopoéticas do refúgio*, Florianópolis: Cultura e Bárbarie.
- Bunseki Fu-Kiau, Kimbwandènde Kia (2024 [1980]): *O livro africano sem título: Cosmologia dos Bantu-Kongo*, São Paulo: Cobogó.
- Deng, Francis (1972): *The Dinka of the Sudan*, Nova York: Holt, Rinehart and Winston.
- Fanon, Frantz (2020 [1952]): *Pele negra, máscaras brancas*, São Paulo: Ubu.
- Gates, Henry Louis (2014 [1988]): *The Signifying Monkey: A Theory of African American Literary Criticism*, Oxford: Oxford University Press.
- Glissant, Édouard (2021): *Poética da relação*, Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- González, Lélia (2018): *Primavera para as rosas negras*, São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanos.
- Kelley, Robin Davis Gibran (2002): *Freedom Dreams: The Black Radical Imagination*, Boston: Beacon Press.
- Martins, Leda Maria (2021): *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*, São Paulo: Perspectiva.
- Morrison, Toni e Taylor-Guthrie, Danielle Kathleen (1994): *Conversations with Toni Morrison*, Jackson: University Press of Mississippi.
- Pereira, Edimilson de Almeida (2022): *Entre Orfe(x)u e Exunouveau: Análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira*, São Paulo: Fósforo.
- Pereira, Edimilson de Almeida e Gomes, Núbia Pereira de Magalhães (2003): *Ouro Preto da palavra: Narrativas de preceito do congado em Minas Gerais*, Belo Horizonte: Editora PUC-Minas.
- Robinson, Cedric James (2023 [1983]): *Marxismo negro: A criação da tradição radical negra*, São Paulo: Perspectiva.
- Rosa, Allan da (2021): *Águas de homens pretos: Imaginário, cisma e cotidiano ancestral*. São Paulo, séculos 19 ao 21, São Paulo: Veneta.
- Sodré, Muniz (1983): *A verdade seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil*, Rio de Janeiro: Codecri.

Sodré, Muniz (1998): *O terreiro e a cidade: A forma social negro-brasileira*, São Paulo: Vozes.

Souza, Neusa Santos (2021 [1983]): *Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, Rio de Janeiro: Zahar.

Trouillot, Michael-Rolph (2024 [1995]): *Silenciando o passado: Poder e a produção da história*, Rio de Janeiro: Cobogó.

Working Papers published since 2017:

1. Maria Sybilla Merian International Centre for Advanced Studies in the Humanities and Social Sciences Conviviality-Inequality in Latin America (Mecila) (2017): "Conviviality in Unequal Societies: Perspectives from Latin America: Thematic Scope and Preliminary Research Programme".
2. Müller, Gesine (2018): "Conviviality in (Post)Colonial Societies: Caribbean Literature in the Nineteenth Century".
3. Adloff, Frank (2018): "Practices of Conviviality and the Social and Political Theory of Convivialism".
4. Montero, Paula (2018): "Syncretism and Pluralism in the Configuration of Religious Diversity in Brazil".
5. Appadurai, Arjun (2018): "The Risks of Dialogue".
6. Inuca Lechón, José Benjamín (2018): "Llaktapura sumak kawsay / Vida plena entre pueblos. Un concepto emancipatorio de las nacionalidades del Ecuador".
7. Wade, Peter (2018): "*Mestizaje* and Conviviality in Brazil, Colombia and Mexico".
8. Graubart, Karen (2018): "Imperial Conviviality: What Medieval Spanish Legal Practice Can Teach Us about Colonial Latin America".
9. Gutiérrez, Felipe Castro (2018): "La violencia rutinaria y los límites de la convivencia en una sociedad colonial".
10. Wasser, Nicolas (2018): "The Affects of Conviviality-Inequality in Female Domestic Labour".
11. Segura, Ramiro (2019): "Convivialidad en ciudades latinoamericanas. Un ensayo bibliográfico desde la antropología".
12. Scarato, Luciane (2019): "Conviviality through Time in Brazil, Mexico, Peru, and Río de la Plata".
13. Barreneche, Osvaldo (2019): "Conviviality, Diversidad, Fraternidad. Conceptos en diálogo".
14. Heil, Tilmann (2019): "Conviviality on the Brink".

15. Manzi, Maya (2019): "Fighting against or Coexisting with Drought? Conviviality, Inequality and Peasant Mobility in Northeast Brazil".
16. Guiteras Mombiola, Anna (2019): "School Centres for 'Savages': In Pursuit of a Convivial Sociability in the Bolivian Amazon".
17. Costa, Sérgio (2019): "The Neglected Nexus between Conviviality and Inequality".
18. Banzato, Guillermo (2019): "Soberanía del conocimiento para superar inequidades. Políticas de Acceso Abierto para revistas científicas en América Latina".
19. Gil Montero, Raquel and Albiez, Sarah (2019): "Conviviality as a Tool for Creating Networks: The Case of an Early Modern Global Peasant Traveler".
20. Briones, Claudia (2019): "Políticas contemporáneas de convivialidad. Aportes desde los pueblos originarios de América Latina".
21. Rojas Scheffer, Raquel (2020): "Articulating Differences and Inequalities: Paid Domestic Workers' and Housewives' Struggles for Rights in Uruguay and Paraguay".
22. Potthast, Barbara (2020): "*Mestizaje* and Conviviality in Paraguay".
23. Mailhe, Alejandra (2020): "¿Legados prestigiosos? La revalorización del sustrato cultural indígena en la construcción identitaria argentina, entre fines del siglo XIX y los años treinta".
24. Segsfeld, Julia von (2020): "Ancestral Knowledges and the Ecuadorian Knowledge Society".
25. Baldraia, Fernando (2020): "Epistemologies for Conviviality, or Zumbification".
26. Feltran, Gabriel (2020): "Marginal Conviviality: On Inequalities and Violence Reproduction".
27. Rojas Scheffer, Raquel (2020): "Physically Close, Socially Distant: Paid Domestic Work and (Dis-)Encounters in Latin America's Private Households".
28. Gil Montero, Raquel (2020): "Esclavitud, servidumbre y libertad en Charcas".
29. Manzi, Maya (2020): "More-Than-Human Conviviality-Inequality in Latin America".

30. Klengel, Susanne (2020): "Pandemic Avant-Garde: Urban Coexistence in Mário de Andrade's *Pauliceia Desvairada* (1922) After the Spanish Flu".
31. Gomes, Nilma L. (2021): "Antiracism in Times of Uncertainty: The Brazilian Black Movement and Emancipatory Knowledges".
32. Rocha, Camila (2021): "The New Brazilian Right and the Public Sphere".
33. Boesten, Jan (2021): "Violence and Democracy in Colombia: The Conviviality of Citizenship Defects in Colombia's Nation-State".
34. Pappas, Gregory F. (2021): "Horizontal Models of Conviviality or Radical Democracy in the Americas: Zapatistas, Boggs Center, Casa Pueblo".
35. Gutiérrez Rodríguez, Encarnación (2021): "Entangled Migrations: The Coloniality of Migration and Creolizing Conviviality".
36. Reis, João José (2021): "Slaves Who Owned Slaves in Nineteenth-Century Bahia, Brazil".
37. Streva, Juliana M. (2021): "*Aquilombar* Democracy: Fugitive Routes from the End of the World".
38. Chicote, Gloria (2021): "Los tortuosos pactos de convivencia en *El juguete rabioso* de Roberto Arlt".
39. Penna, Clemente (2021): "The Saga of Teofila: Slavery and Credit Circulation in 19th-Century Rio de Janeiro".
40. Cohen, Yves (2021): "Horizontality in the 2010s: Social Movements, Collective Activities, Social Fabric, and Conviviality".
41. Tosold, Léa (2021): "The Quilombo as a Regime of Conviviality: *Sentipensando* Memory Politics with Beatriz Nascimento".
42. Estrada, Jorge (2022): "Ruthless Desires of Living Together in Roberto Bolaño's *2666*: Conviviality between *Potestas* and *Potentia*".
43. Stefan, Madalina (2022): "Conviviality, Ecocriticism and the Anthropocene: An Approach to Postcolonial Resistance and Ecofeminism in the Latin American Jungle Novel".
44. Teixeira, Mariana (2022): "Vulnerability: A Critical Tool for Conviviality-Inequality Studies".
45. Costa, Sérgio (2022): "Unequal and Divided: The Middle Classes in Contemporary Brazil".

46. Suárez, Nicolás (2022): "Museos del cine latinoamericanos: Políticas de preservación fílmica en contextos conviviales y desiguales".
47. Wanschelbaum, Cinthia (2022): "El proyecto educativo conservador del gobierno de Macri y los vínculos con actores privados".
48. Rojas Scheffer, Raquel (2022): "Another Turn of the Screw: The COVID-19 Crisis and the Reinforced Separation of Capital and Care".
49. Pinedo, Jerónimo (2022): "'¿Cómo se vivió aquí en la pandemia?'. La trama convivial de la covid-19".
50. Schultz, Susanne (2022): "Intersectional Convivialities: Brazilian Black and Popular Feminists Debating the *Justiça Reprodutiva* Agenda and Allyship Framework".
51. Castellón Osegueda, José Ricardo (2022): "Inequidades y convivialidades en movimiento. La familia y los inicios de la migración del Triángulo Norte de Centroamérica hacia los Estados Unidos".
52. Moschkovich, Marília (2023): "'Família' e a nova gramática dos direitos humanos no governo de Jair Bolsonaro (2019-2021)".
53. Kessler, Gabriel; Vommaro, Gabriel y Assusa, Gonzalo (2023): "El proceso de polarización en América Latina: entre la secularización y el conflicto distributivo".
54. Dünne, Jörg (2023): "Interspecific Contact Scenes: Humans and Street Dogs in the Margins of the City".
55. Toji, Simone (2023): "Conviviality-in-Action: Of Silence and Memory in the Cultural Performance of Generations of Japanese Migrants in a Riverine Town in Brazil".
56. Piovani, Juan Ignacio; Alzugaray, Lucas; Peiró, María Laura y Santa Maria, Juliana (2023): "Convivialidad en el ámbito doméstico. Arreglos familiares y relaciones de género en los hogares del Área Metropolitana de Buenos Aires durante la pandemia de Covid-19".
57. Flamand, Laura; Alba Vega, Carlos; Aparicio, Rosario y Serna, Erick (2023): "Trabajo remunerado y de cuidados en la Ciudad de México. Los efectos de la pandemia de covid-19 sobre las desigualdades sociales y la convivialidad".
58. O'Leary, Jessica (2023): "The Trial of Íria Álvares: Conviviality and Inequality in the Portuguese Inquisition Records".

59. Brun, Élodie y Carrillo, Jesús (2023): "La política global como una 'configuración convivial': hacia un entendimiento holístico de las desigualdades mundiales interestatales".
60. Costa, Sérgio; Teixeira, Mariana, and Mattos, Thomás (2023): "Conviviality-Inequality during the Pandemic: The Case of Berlin".
61. Massuchetto, Vanessa (2023): "Women, Normativities, and Scandal: The Crime of Concubinage through Conviviality Lenses in Southern Portuguese America in the Late 18th Century".
62. Durão, Susana (2023): "Conviviality in Inequality: Security in the City (São Paulo)".
63. Torquato, Ana Carolina (2023): "Animal Display in Fiction: Clarice Lispector's 'O búfalo' and Other Stories Framing Animal Captivity".
64. Kolb, Patrizia (2024): "The Impact of the Corona Crisis on the Gender Gap in Care Work And Housework".
65. Schapira, Raphael (2024): "Brazilian Jiu-jitsu as a Marker of Whiteness and Anti-Blackness: Embodying Inclusive Conservative Conviviality in Rio de Janeiro".
66. Callsen, Berit (2024): "Liquid Conviviality in Chilean Documentary Film: Dynamics of Confluences and Counter/fluences".
67. Moszczyńska, Joanna M. (2024): "Truths That Hurt: Socialist Affects and Conviviality in the Literary Journalism of Gabriel García Márquez and Ryszard Kapuściński".
68. Bianchi, Guilherme (2024): "As formas da comunidade: convivialidade, corpo e política pós-conflito entre os Ashaninka do rio Ene (Amazônia peruana)".
69. Gandhi, Ajay (2024): "The Porous and the Pure: An Artifactual History of Ties Between Asia, Europe, and Latin America".
70. Medeiros da Silva, Mário Augusto (2024): "Social Memory, Conviviality, and Contemporary Antiracism: Valongo, Pretos Novos, Aflitos, and Saracura".
71. Etzold, Jörn (2024) "Theatres of the Proto-Juridical".
72. Brage, Eugenia (2024): "Tramas populares-comunitarias de convivialidad. Reflexiones en torno a la sostenibilidad de la vida y la producción de lo común en contextos transfronterizos".

73. Strasser, Melanie (2024): "Receiving Words: Towards a Poetics of Hospitality".
74. Gil Mariño, Cecilia Nuria (2024): "Reversos de la oscuridad. Fantasías, erotismo y acosos en las salas de cine de Buenos Aires y São Paulo en la primera mitad del siglo XX".
75. Costa, Sérgio; Cavalcanti, Mariana; Domingues, José Maurício; Knöbl, Wolfgang (2024): "On the Earth Ethic: Interview with Dipesh Chakrabarty".
76. Fischer, Georg (2024): "Agrarian Colonization and the Problem of Conviviality-Inequality in Twentieth-Century Latin America".
77. Alarcón López, Cristina (2024): "¿Música de derecha? Imaginarios de convivialidad en los anuncios y jingles de candidatos presidenciales de derecha de Chile y Argentina".
78. Rosa, Allan da (2024): "Apresento o meu amigo! O que ele merece?: Lábia, estéticas afrodiaspóricas, jogo e convivialidade entre negros de São Paulo".



UNIVERSITÄT
ZU KÖLN



Ibero-Amerikanisches
Institut
Preußischer Kulturbesitz



CEBRAP
centro brasileiro de análise e planejamento



IdIHCS | Instituto de Investigaciones en
Humanidades y Ciencias Sociales



EL COLEGIO
DE MÉXICO



The Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America (Mecila) was founded in April 2017 by three German and four Latin American partner institutions and is funded by the German Federal Ministry of Education and Research (BMBF). The participating researchers investigate coexistence in unequal societies from an interdisciplinary and global perspective. The following institutions are involved: Freie Universität Berlin, Ibero-Amerikanisches Institut/Stiftung Preußischer Kulturbesitz, Universität zu Köln, Universidade de São Paulo (USP), Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), IdIHCS (CONICET/Universidad Nacional de La Plata), and El Colegio de México. Further information at <http://www.mecila.net>.

Contact

Coordination Office
Maria Sybilla Merian Centre
Conviviality-Inequality in Latin America

Rua Morgado de Mateus, 615
São Paulo – SP
CEP 04015-051
Brazil

mecila@cebrap.org.br

SPONSORED BY THE



**Federal Ministry
of Education
and Research**